



MEXICO — CASA DA MOEDA.

A casa da moeda (palacio de la Minería) é um dos mais bellos edificios da capital do que foi imperio de Montezuma. Ainda que exteriormente haja soffrido bastantes estragos, pois que a sua situação o tem feito sempre considerar como um ponto strategico importante, nos, infelizmente, mui repetidos, movimentos revolucionarios de que tem sido theatro a cidade do Mexico; entretanto o seu estado de conservação não é tão triste que não possa admirar-se ainda, assim a elegancia e nobreza da sua architectura, como a fortaleza da sua construcção.

N'este palacio se acham estabelecidas as escolas especiaes de minas da republica, os gabinetes dos ensaiadores, e todas as officinas que tem relação com o que sempre foi o ramo principal da riqueza nacional. Para elle se conduzem depois de fundidos os mineraes, que se extrahem do solo da republica, por conta do governo, e em seus vastos armazens se encontram as mais variadas, abundantes e ricas amostras dos thesouros que na epocha da conquista descobriram os hespanhoes.

No numero 45 do 2.º vol. da primeira serie d'este semanario encontrará o leitor curioso uma larga noticia da republica do Mexico, e diferentes peripecias do sanguinoso drama da independencia d'esta antiga colonia hespanhola.

VOL. II. — 3.ª SERIE.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

VIII.

Castello e Paço.

Não se utilisaram o bispo e cabido, em quanto donatarios, da concessão de D. Affonso II para edificar castello em Arrayolos. Estava reservado a el-rei D. Diniz ser o fundador de grande numero de castellos em Alemtejo, e entre elles do de Arrayolos (1). É de 26 de dezembro da era de 1343, an-

(1) « Porque elle (D. Diniz) levantou quasi dos fundamentos os castellos de riba de Guadiana, a saber, Serpa, Moura, Mourão, Olivença, Campomaior, Ouguella, que são grandes fortalezas. E na comarca d'entre Tejo e Guadiana fez os castellos de Monforte, Arronches, Portalegre, Marvão, Alegrete, Castello de Vide, Villa Vigosa, Borba, Arrayolos, Evora-monte, Veiros, Landroal, Mongaraz, Noudar, Juromenha, e a grande torre e alcacere de Beja, e de novo fundou o Redondo, e o Agumar,

JULHO 30, 1853.

no de Christo 1305, o contrato entre o concelho da villa de Arrayolos (1) e el-rei, no qual este promette dar 2:000 libras, e o alcaide, juizes, e concelho da dita villa se obrigam a fazer em redor da mesma villa, por onde estava traçado por D. João Simão, 207 braças de muro, de tres braças de alto, e uma braça de largo; e a fazer no dito muro dous portaes d'arco com suas portas, e com dous bons cubellos quadrados em cada uma porta, tudo na fórma e logar traçado (2).

E com effeito a obra do castello concorda com esta descripção; e é de crer que começasse logo no anno de 1306. Sobre a porta principal do castello, que hoje já não existe, deveria estar a lapida, que conservasse a data da fundação, á similhaça das que ainda hoje se vêem em outros castellos da provincia, obra igualmente do mesmo rei (3).

Está o castello situado ao norte da villa actual, n'um monte de figura conica, elevado sobre todos os visinhos, e coroado elegantemente no vertice pela antiga igreja do Salvador. É um dos mais elevados pontos de toda a provincia, e descobre a cidade de Evora, as villas de Monsaraz, Redondo, Evora-monte, Vimieiro, Estremoz, Alter do Chão, Cabeço de Vide, Fronteira, Aviz, Galvêas, Pavia, as Aguias, Lavre, e Montemor o novo. O seu horisonte é limitado pelas serras de Palmella, da Arrabida, de Cintra, de Montejunto, de Gardunha, de Portalegre, da Estrella, de Olor, de Souzel, de Portel, e d'Ossa (4):

O muro, que está todo conservado, á excepção das ameias, é mui forte, de regular altura, e perfeita-mente circular. — Medido por fóra tem de circumferencia 381 varas de craveira (5). Teve duas portas, uma para o sul, sobre a villa actual, chamada da barbacã, que já não conserva a fórma de porta, mas é uma grande abertura no muro; outra chamada de Santarem, por ser voltada ao noroeste em frente da villa d'este nome; está inteira, e é d'arco (ogiva), na fórma do contrato da fundação. Parece ter havido uma porta falsa, ou postigo, da parte do oriente, onde o muro tem alguma ruina.

Conservam-se os dous cubellos ou torreões da porta de Santarem. O torreão, onde está o relógio da villa, parece ser um dos cubellos da antiga porta da

Monte Argil etc. — Duarte Nunes de Leão, na Chronica d'el-rei D. Diniz, junto ao fim.

O mesmo diz Mariz, Dial. 3.º cap. 1.º: e repetem muitos outros auctores.

(1) É o 1.º documento, em que acho *Arrayolos* nomeada por villa.

(2) Torre do Tombo. — L.º 2.º dos direitos reais, 229 v.º

(3) No castello de Evora-monte, sobre a porta chamada do Freixo, está gravada esta inscripção:

E. MCCCXXX. . . . XVII dias de janeiro foi começado este castello por mandado do mui nobre senhor Dom Diniz rei de Portugal e do Algarve.

No do Redondo tem uma inscripção similhante, que começa:

Era de Mil CCCL. annos foi começado este castello etc.

(4) Visivelmente foi mal informado o padre Luiz Cardozo quando, no seu Diccionario Geographico de Portugal, escreveu no tom 1.º pag. 590, que esta larga vista se disfructa principalmente do monte ou outeiro de S. Pedro; pois sendo este dominado pelo castello proximo, não descortina todos estes logares.

(5) Tombo do Almojarifado, 30.

barbacã: ficando outro supprido pela grande torre da menagem, que tambem fazia parte do paço, ou casa nobre edificada pelo mesmo rei D. Diniz dentro do castello. Em 1315 estava já fabricado o paço, (6) do qual apenas existem hoje as portas da entrada (em ogiva), e as paredes mestras, terminadas nos quatro angulos por quatro torres, uma das quaes é a já mencionada da menagem, hoje em parte desfeita, e em parte ameaçando ruina.

Havia tambem dentro do castello uma cisterna, de que não ha vestigios, nem noticias d'onde fosse.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na *Arcadia Elmano Sadino*.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

V.

Não contente com o martyrio colectivo, Bocage, exacerbado por alguns arremessos dos seus emulos, dedicou-se a aspar as figuras principaes da *Arcadia*, começando pelo beneficiado Domingos Caldas Barbosa, (Lereno Celynunthino) por sua desgraça physica e intellectualmente mais adequado a proporcionar-lhe agradável pasto. Caldas era brasileiro, torrado de côr, e tirante a mulato; feio como o peccado; e sobre feio propenso a visagens, proprias para engatilharem o riso contra elle. Tinha por costume acompanhar-se á viola quando improvisava, afinando além d'isso as trovas por uma cantiga particular. D'aqui procediam as allusões e os motejos da escola Elmanista, pouco soffredora, e por natureza inclinada a frechar de ridiculo quanto offerecia margem aos seus tiros. Admira que até o velho Phylinto, do seu desterro de Paris, não perdoasse ao chamuscado vate, regalando-o de criticas nada caridosas. Parece que a leitura dos versos do auctor da *Viola de Lereno*, influiu desfavoravelmente no animo do traductor dos *Martyres*, e que este não pode tolerar sem protesto, que insulsos admiradores conferissem ao cantarino Caldas o diploma ou antes alcunha de Anacreonte portuguez. O certo é que o malfadado Lereno amargou o elogio estulto, além da fustigação cruel de Manuel Maria, teve a tristeza de vêr o nome em um pelourinho, exposto por homem da auctoridade de Phylinto, e estampado em um livro da importancia da *Arte Poetica*. Seja-lhe leve a terra como foram leves as suas endeixas garganteadas! Saíram-lhe pezados os erros proprios e as alheias culpas!

Em quanto Francisco Manuel do Nascimento brindava o presidente da *Arcadia* com as seguintes amabilidades:

Os versinhos anões a anãs Nerinas
Do cantarino Caldas, a quem parvos
Põem alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro Perú na alvura ao branco cysne!

Bocage implacavel tomava-o para Paschino da sua musa, e sem descancar crucificava-o em sonetos e epigrammas, a que as fórmulas infelizes e a côr de

(6) Torre do Tombo. — L.º 2.º dos reis, fol. 42.

greda do bardo malaventurado prestavam quotidiano e inexaurível thema. A' força de remordido e de apupado o pobre beneficiado, esgotando-se-lhe a paciência, depoz um instante a viola amorosa, e quiz ensaiar as armas de Juvenal. Retalhado nas carnes e ulcerado de espirito remoeu e repetiu alguns chascos rimados contra o seu perseguidor. Entre elles cita-se um, não destituído de todo o merito :

De todos sempre diz mal
O impio Manuel Maria ;
E se de Deus o não disse,
Foi porque o não conhecia !

Esta imitação do Aretino foi-lhe logo paga em capital e juro. Elmano respondeu com o epigramma bem conhecido :

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage afferra o dente. . .
Ora é forte admiração
Vêr um cão morder na gente !

Depois foi uma chuva de trovas aceradas e zombeteiras ; um enchame de versos frisantes e malignos ; um concerto de maledicencias e de caricaturas metricas, de que sobrevivem muitas, ficando o vate cesareo das viúvas velhas, e das donzellas horrendas uma especie de rico feitio para toda a còrte. Entrou no dominio publico ; e a sua physionomia de saguin, contrafeita e arrepiada, tornada celebre, como o nariz da estanqueira, passou das salas do conde de Pombeiro para os debiques da hilaridade com a funesta moldura de gargalhadas, que é o epitaphio e o infortunio d'aquelles, que a satyra baptisa como seus.

Seria longo, senão enfadonho, transcrever quanto a mordacidade irritada de Elmano distillou em escarneo e mofas sobre Barbosa Caldas. Para se fazer idéa das licenças poeticas que tomavam os filhos de Apollo nos seus conflictos, bastarão poucos exemplos. Eis um d'elles. Avalie-se o resto !

Nogenta prole da rainha Ginga,
Sabujo ladrador, cara de nico,
Loquaz saguim, burlesco Thedorico,
Osga torrada, estúpido resinga.

Eu não te accuso de poeta pinga !
Tens lido o mestre Ignacio, e o bom Supico ;
De ôcas idéas tens o caeo rico. . .
Mas teus versos tresandam a catinga.

Se a tua musa nos outeiros campa,
Se ao Miranda fizeste ode demente,
E o mais que ao mundo estolido se incampa,

É porque sendo, ó Caldas, tão sómente
Um cafre, um gôso, um parvo, um tr. . . ,
Queres metter nariz em . . . de gente.

Em toda a parte, em todos os logares era a mesma veia e o mesmo odio. O infeliz Lereno não tinha venia de apparecer, estando Bocage, sem se expôr a levar para casa um provimento farto de epigrammas. Saía sempre das mãos do imitador de Ovidio escorrendo em sangue. N'uma sociedade, em que a má fortuna de Caldas o fez encontrar com Manuel Maria, deu-se o mote :

Eu vi nos braços da aurora
O sol tremendo com frio.

Convidado a glosal-o, o fusco Orpheu apurou a garganta, extasiou os olhos, afinou a sua viola, e sob a vista ironica do grande repentista, mais de atordoado, que de inspirado, entouo entre harpejos e momices esta decima, publicada a primeira vez pelo sr. Castilho, de quem extrahimos a anecdota :

Tenho visto até agora
Mil cousas que são portentos :
Trinta velhos rabugentos
Eu vi nos braços da aurora ;
Um cão puxar uma nora,
Correr para traz um rio,
Velas arder sem pavio ;
Vi um defunto a correr. . .
Só me falta agora vêr
O sol tremendo com frio !

Mal este embrechado, não de todo despido de graça, acabava de se gargantear ; apenas os ultimos sons amanteigados do cantarino, e a derradeira nota do harpejo tinham finalizado, ergue-se Bocage sem convite, mette os dedos aos cabellos, fulmina com os olhos cheios de fogo o bugio glozador, e reparando na dulcissima ternura com que uma velha, admiradora de Caldas, no meio de soffregas pitadas e de tímidos suspiros de amor, saboreava os versos e a cantiga, dispara-lhe á queima-roupa outra decima, que sepultou o mulato e a sua paixão debaixo de uma salva de risadas :

Se isto vae de foz em fóra,
Tambem com luz diamantina,
Vir raiando a matutina
Eu vi nos braços da aurora.
Só me falta vêr agora
O caranguejo de um rio !
Vêr os effeitos do cio !
Cantar modas um macaco !
A lua a tomar tabaco !
E o sol tremendo com frio !

Depois de Barbosa Caldas a victima mais atormentada foi sem duvida o doutor Manuel Bernardo de Sousa e Mello, auctor de nenias e de poesias melancolicas, accusadas por Bocage de plagiatos feitos aos versos ineditos de Alvarenga, cujos manuscriptos possuia o vate funebre. Este responso ambulante dos finados commetteu a imprudencia (superior ás forças) de enchugar as lagrimas sepulcraes da sua musa lugubre, e de sair da noute dos jazigos para o soldas discordias do Parnaso. Pouco destro em esgremir, e espantando-se como o morego com a luz, quiz a fatalidade que vivesse no tempo de Manuel Maria ; e para cumulo de desgraças precipitou-o o seu mau fado em uma lueta, de que não podia colher mais fructo, do que o dezar e a irrisão. Assim que as velleidades do metrificador pierio chegaram aos ouvidos de Elmano, não se demorou a desforra. Desfechou-lhe de subito este soneto notavel, que passou á posteridade com o nome do mausolen vivente.

É mentira, não foi o vil coveiro
Quem com manha, maldade, ou tudo junto,
Impingiu varias iscas de defunto
A mascarrado e girio pastelleiro

Foi Bernardo (o Nenias) que em mau cueiro
Enfrascando o nariz, e as mãos em unto,
Impingia tambem o seu presunto
D'algun. com que esbarrava. ainda inteiro

Hoje atreve-se a mais; quer vêr se apanha
Este, que é dos cadaveres Herodes,
Ao descarnado França um secco chispe:

Se lhe cáes, Melizeu, na mão grifanha,
Lá vão filhos, mulher, sonetos, odes;
Ah pobre! Queira Deus, que te não bispe!

E apoz este outro logo, em que pintando a carpi-
deira masculina dentro de ermo cemiterio, a hora
escura, o descreve tecendo o epicedio de *Igenia de
tal*, e convidando os mochos, com os tigres e leões,
innocentes comparsas da sua dôr theatral, para cho-
rarem a fallecida formosura! O ultimo terceto é ad-
miravel pela chave de ouro que o fecha. No momen-
to, em que o menestrel tumbreiro repetia pela cen-
tesima vez o logar commum das pingadas preces:

Acode ao laço amanté, acode Igenia!

O poeta accrescenta esta imagem rematada por
um epigramma do melhor effeito:

Eis a campa rebenta, e surgem, fóra
Dous vampiros bailando ao som da nenia!

Para acabar com tão lamentoso personagem vamos
recordar o ultimo tiro que recebeu, e que o retracta
em finos traços:

Envolto em pardo lemiste
Bernardo nenas recita,
Ao riso ninguem resiste!
O vate funereo grita:
« Não riam que é cousa triste. »

Enterrado com as honras do ridiculo o cerzidor
de mortalhas, Elmano virou as armas contra menos
obscuros inimigos.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

IV.

*A aldêa dos grumcles. — Um bocado de historia. —
Que gente é esta? — A correição. — D. Fr. Victo-
rião Portuense, e o convento de Bissau. — Da
verdade á historia que distancia haverá?*

Em diversos periodos saem dos seus viveiros mi-
lhões de formigas (eu podia vêr da janella alguns d'es-
tes viveiros, que me pareciam cabanas de negros pa-
peis), que vão procurar alimento para passarem a
estação das aguas. Estas multidões innumeraveis for-
mam-se em corpo, e marcham em cõluna cerrada
com a velocidade d'uma torrente.

Chama-se a isto a correição, e d'ahi veiu a esta
formiga o nome de formiga de correição. Não ha ca-
sas que sejam isentas, senão as que, por se acharem se-
paradas de outras, podem usar do unico preservati-
vo, que até agora se conhece, ou aquellas onde, as
combatem com a arma terrivel do fogo. Aquelle em
cuja casa entrou a correição, pôde ficar d'um momen-
to para outro despojado de todas as provisões, que ti-
ver na sua despensa, senão tomou as necessarias pre-
cauções para as preservar d'este terrivel insecto, de

que são victimas as proprias aves e animaes domes-
ticos, porque morrem irremissivelmente.

Como de ordinario se adverte a chegada d'estes
hospedes importunos, põe-se fóra de casa tudo aquil-
lo que poderiam destruir, e o proprio dono da casa
a abandona com a sua familia, para não expol-a,
principalmente as creanças, a algum desastre, mas
se as não ha, e o chefe da casa é affouto, espera a
pé firme a chegada da correição, fazendo de antemão
lançar em roda do leito uma boa quantidade de cin-
za bem fina, o que alguns fazem tambem á despen-
sa, tendo o cuidado de cercar de cinza todos os quar-
tos que lhe sejam contiguos, ou que com ella possam
ter communicação.

Assim prevenido, apenas a formiga entra, acastel-
la-se no leito, que se torna para elle uma fortaleza
inconquistavel, e d'ali pôde guerrear com agua a
ferver, ou com outros meios hostís os seus inimigos,
que nem se atterram pela mortandade, nem parecem
diminuir, e que continuam a sua marcha silenciosa,
cerrando e unindo as filas que a morte quebrou, ou
rareou, vindo até a tocar nos limites vedados, como
se quizessem insultar a fraqueza de seu inimigo, que
não se atreve a combatel as em razo campo. Pas-
sam em correição por toda a casa, e retiram-se em
perfeita ordem, ou carregadas de despojos, ou tão le-
ves como entraram. A mesma praça não é isenta da
correição; quaesquer que sejam os obstaculos que se
opponham a este exercito, elle sabe desprezal-os, e
illudil-os; ou seja escalando as muralhas, ou por
meio d'uma especie de sapa, tem a certeza de se as-
senhorear da praça, e vae então examinar a artilha-
ria, passa os armazens em revista, entra nos quar-
teis, invade o corpo da guarda, e faz suas evoluções
no campo da parada. Um conquistador soberbo con-
scio da sua força, e confiado na grandeza de seus re-
cursos, não procederia de outra fórmula. Retira, é ver-
dade, mas só depois de ter obrigado a guarnição a
pagar-lhe uma contribuição de guerra, e como se des-
denhasse esta conquista depois de ter vencido, con-
tente de que se prestasse homenagem ao seu valor,
e que á sua pericia se curvassem reverentes os senho-
res d'este estabelecimento militar.

Tem algumas vezes acontecido entrarem noctur-
namente na praça, espalharem-se por diversos pontos,
e de repente um dos da guarnição se vê d'ellas ataca-
do, e coberto; por isso é muito perigoso passar per-
to d'ellas. Se fór atacado, não lhe resta outro recur-
so senão despir-se immediatamente, e correr para
outro sitio, onde esfregando-se com as mãos pôde ma-
tar as que lhe ficaram no corpo; operação que feliz-
mente não é mui difficil. Nas casas particulares não
são tão faceis estas surpresas, mas nem por isso dei-
xam de ter acontecido.

Era isto o que nos pretendia explicar o escravo
quando fingia querer despir-se, e esfregava as mãos
pelo corpo; foi elle tambem que nos contou depois
a cruel historia, que passo agora a referir.

Em Cacheu encontram-se tambem d'estas formi-
gas (eu creio que toda esta parte da Costa está su-
bordinada á sua jurisdicção). Dizem que aqui ha mui-
tos annos um governador, que não sabia ainda que
havia estes estranhos inimigos, mandou metter no
calabouço um branco, que chegára não sei se degra-
dado, se com o destacamento da guarnição: infeliz-
mente para elle, entrou a formiga no calabouço, pre-
sume-se que quando dormia, porque ninguem lhe
ouviu bradar por socorro; e na manhã do dia se-
guinte foi encontrado morto com os olhos comidos,
e as cavidades cheias de formigas, assim como com
a bõca aberta, e a lingua de fóra, tambem cheia de
formigas, que entravam e saíam incessantemente.

Esta narração affligiu-me profundamente. De certo estimaria muito mais ficar toda a minha vida ignorando o que me tinha dito o escravo, do que sabendo por preço de emoções tão fortes, como as que me causou a horrivel historia que se me interpretava! o que aprendi não valia o que fiquei sentindo. Que morte tão cruel não seria esta?! Como se não bastassem as febres, as guerras quasi contínuas, as inundações frequentes, as feras dos bosques, os venenosos reptis, e os perigosos habitantes das aguas, ainda estes insectos maleficos para matarem um pobre filho da Europa! Mal sabiam seus compatriotas que genero de morte o esperava n'estas paragens!

Mas havia direito a esperar de mim alguma coisa mais do que lamentações estereis. Eu não tinha vindo a Bissau para chorar desgraças que me era impossivel prevenir, mas para me instruir do que suppunha que era necessario que soubesse; e devia procurar essa instrucção, que me proporcionava ainda a vantagem de distrahir a minha imaginação dos objectos lugubres para outros de utilidade, ou pelo menos de recreação.

Chamei a conversação para um assumpto que me interessava muito, e a que o meu passeio da manhã dava uma tal apparencia de plausibilidade, que não podia excitar nenhuma conjecturas; o que n'outra qualquer occasião talvez não deixasse de acontecer.

Perguntei como se tinha estabelecido a christandade n'esta ilha.

Então cada um foi expondo o que tinha ouvido aos mais velhos, que tambem o tinham ouvido a outros, que de mais antigos o haviam recebido. Era por tanto uma historia tradicional a que eu estava ouvindo com todos os seus caracteres, e com todas as suas lacunas e imperfeições. Que riquezas e de

noticias interessantes se não perderam pelo desleixo! Este tem sido para a historia do nosso Ultramar tão terrivel e cego como Omar para as bibliothecas de Alexandria.

Estabelecida em Bissau a feitoria pelas necessidades do commercio de Geba, concorreram a esta ilha padres, que de Cacheu mandava o capitão-mór, e que depois de algum tempo se retiravam para virem outros. Assim estiveram annos durante os quaes não ganhavam os mercadores um palmo de terra na ilha, por o natural agreste dos papeis, e provavelmente (acrescento eu) tambem pelas violencias que lhes fariam. Mas no anno de 1584 chegaram a esta terra dous frades e um leigo franciscanos, da provincia da Piedade (que supponho ser o mesmo que da Soledade), os quaes entraram a prégar não só na feitoria, mas ainda por as aldeas dos pretos, a quem faziam muitos beneficios, já dando-lhes remedios, já apaziguando suas contendas, já mesmo fazendo-lhes presentes de cousas que para esse fim pediam aos negociantes.

Poucos mezes depois da chegada d'estes missionarios as cousas começaram a mudar de face. Muitos papeis convertidos vieram reunir-se aos portuguezes, e assim se formou a povoação: por este meio travaram-se relações mais seguidas e mais intimas entre os portuguezes e os papeis, as quaes foram todos os dias augmentando, de sorte que se chegou a fazer uma igreja de pedra e barro, coberta de côlmo, onde se celebravam os officios divinos, e se faziam todas as outras ceremonias da religião; esta igreja era dedicada á Senhora da Conceição, nome que igualmente se deu á povoação.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.



BRINDE OFFERECIDO A MISTRESS STOWE.

No numero 28 d'este volume demos o retracto da celebre auctora da *Cabana do pae Thomás*; e por isso crêmos que não seria fóra de proposito offerecer aos nossos subscriptores a gravura, que representa uma escrevaninha de prata, de grandes dimensões e delicadissimo trabalho, que foi offerecida, n'uma brilhante reunião celebrada ultimamente em Londres, á illustre defensora dos pobres escravos.

Estiveram presentes a esta reunião cêrca de quatrocentas senhoras e cavalheiros da sociedade mais distincta d'aquella capital.

O conde de Shaftesbury, e outros, proferiram discursos analogos ao objecto que se tivera em vista, aos quaes correspondeu em nome de sua irmã, o reverendo Carlos Beecher.

Em seguida entrou na sala uma graciosa procissão de formosas creanças, que se agruparam em tórno de mistress Stowe, dirigindo-lhe uma d'ellas breves palavras, em que procurou incital-a a escrever outras novellas, sobre a triste condição das creanças negras, provocando assim as sympathias dos brancos em favor dos seus irmãos. Depois offereceu-lhe, no seu nome, e no dos seus galantes companheiros, uma penna de ouro.

Mistress Stowe agradeceu-lhes mui commovida, e protestou que continuaria incansavel a advogar a causa dos opprimidos.

Assim se sabe premiar em Inglaterra o merito e a virtude.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

II.

Nos escriptores arabes é commum figurarem a par da noção real os maiores absurdos e contradicções, resultado da compilação sem critica. Pouco selhes dava o desacôrdo em que ficavam muitos dos factos colligidos. Por isso não admira que Edrisi, depois de captular o alto mar Atlantico de innavegavel e inexpugnavel de nenhum vivente, declare, que em meio d'elle ha quantidade de *ilhas deshabitadas!* Se nunca ninguem se aventurou no oceano, como sabe elle da existencia de taes ilhas? Seria n'elle instincto, mas conhecimento real, isso não. Falla em particular de ilhas Afortunadas em numero de seis, com estatuas collossaes; mas a contradicção apontada, e muitas outras razões tiradas d'elle proprio, convencem, que não podia ter nenhum conhecimento positivo das Canarias. No que diz só revela a tradição de Ptolomeu e de outros, misturada com as fabulas que em casa achára. A uma d'estas ilhas chama Cadiz, e põe-a a oeste de Andaluzia, repetindo ainda que, «ninguem conhece as terras habitaveis d'ali por diante!» Assim Edrisi, e muitos outros, a par do principio de ser o Atlantico innavegavel, tornado incontestavel pela circumstancia de não haverem até ali factos em contrario, archiva contra elle mesmo as creações phantasticas, em que a ignorancia dos povos se compraz deliciar. D'aqui nasciam as muitas ilhas, que os arabes semeavam no oceano, sem existencia possivel, tão extravagantes eram as condições que lhe attribuiam; e sem que entre ellas e as actualmente conhecidas possa dar-se a menor coincidência. Tudo isto prova, que então nada havia de real senão o facto de se não navegar no alto mar Atlantico, nem conhecer nada d'elle.

Do seculo 12.^o é um mappa-mundi de um commentario do Apocalypse, manuscrito do museu britânico. Das ilhas do Atlantico traz Escocia e Inglaterra, que suppõe separadas, *Tartuliosinsula*, e mais ao norte a famosa Thile. Na costa occidental de Africa traz duas ilhas, uma *Fortunata*, outra *Scaria* em frente do deserto de Sahará. O cartographo não aponta mais ilhas, nem mostra que as conhecesse, quando ainda das conhecidas sabia tão pouco, que punha a Escocia em frente e no paralelo de Lisboa!

Nos manuscritos das bibliothecas nacionaes de Gand e Paris, na obra *Liber Floridus* de Lamberto, ha um mappa-mundi, que revela toda a sciencia d'este seculo. Traz deslocada a famosa ilha Thile, uma *Hiborus* em face do estreito de Gibraltar, *Hibernia* (*Irlanda*) ao norte, *Anglia* (*Inglaterra*), mais outras septentrionaes, e algumas no mar oriental. Ao sul de Africa traz tres ilhas, com os nomes *Cataria*, *Nimboralia* e *Junonia*, e um grupo com o nome de Gorgodes, ilhas fabulosas, que datam de Hannon. Por aqui acaba toda sua lição de ilhas occidentaes.

O seculo 13.^o levanta já a frente independente e altiva sobre o precedente, que produzindo uma serie de homens distinctos marcara na historia da idade media uma nova extrema, e abríra um dos mais interessantes periodos ao progresso e evolução do espirito humano. No seculo 13.^o já raia a luz da fundação de universidades, do estudo das linguas modernas, da reproducção dos livros, dos trabalhos sobre o direito romano, e das grandes viagens na Asia. Mas

nem com tantos elementos de progresso as idéas geographicas mudaram, e a arte de construir cartas geographicas permaneceu no mesmo estado. Proval-o-hemos com as obras de Vicente de Beauvais, Alberto Magno, Omons, Brunetto Latini, Dante, Gervasio de Tilbury, Nicephoro de Blemmyde, Pedro d'Abano, e tres mappa-mundi.

Vicente de Beauvais, um dos sabios mais encyclopedicos do 13.^o seculo, nada adianta na geographia sobre o ponto particular de que nos occupamos. No seu *Speculum naturale* (l. 33, c. 16, de *insulis quò cingitur orbis*) apenas falla das ilhas Afortunadas, e sempre conforme os antigos.

Alberto Magno (1235-1280) homem altamente versado, e uma das primeiras reputações scientificas do seu tempo, nos livros da antiguidade, e dos orientaes, funda toda sua cosmographia. Os cosmographos europeus da idade media, esses não os põe em contribuição á sua obra, que é estranha á menor relação de viagens do Atlantico.

Omons escreve (1265) um poema geographico intitulado *Image du Monde*, de que na bibliotheca nacional de Paris ha dezeseis manuscritos. Fallando de homens celebres, que reprehenderam grandes viagens, não nomeia um unico do seu tempo, e apenas viajantes da antiguidade, como Platão, Alexandre, Ptolomeu, rei do Egypto, Virgilio, S. Paulo e S. Brandão (fins do seculo 6.^o) que segundo diz «viu uma ilha onde os passaros fallavam.» Falla tambem da Atlantida de Platão, que diz ter sido maior que Asia e Europa reunidas, mas que fôra engulida pelo oceano. Cheio de fabulas, como todas as composições d'este genero na idade media, o poema de Omons põe outra ilha no seu oceano circumdante, situada *mui longe, ao mar*, onde se não pôde morrer! Que conhecimentos reaes pôdem pois suppôr-se, sobre o Atlantico e suas ilhas, em homens e tempos em que se escreviam, e na sciencia eram noções toleradas, fabulas taes?

Brunetto Latini, florentino famoso, mestre de Dante, n'um tratado sobre o mappa-mundi, nem das Afortunadas faz menção como ilhas Atlanticas. Assim Brunetto, que tomára parte no governo do seu paiz, que fôra embaixador até em Hespanha, que escrevêra grande numero de obras, que entre os contemporaneos passava por sabio eminente, mostra que nenhuma das terras que os portuguezes descobriram depois, era no seu tempo conhecida.

Dante, na parte cosmographica do seu immortal poema *Divina Comedia*, nada adianta a respeito do conhecimento do occidente do globo. Cria que além das Columnas de Hercules havia regiões longinquoas, protegidas contra a audacia dos navegantes; e d'esta mesma supposição se infere, que sobre o nosso ponto só caminhava á luz das tradições mythologicas.

Gervasio de Tilbury, a despeito de sua grande erudição, na sua obra *Olia imperialia*, mostra em muitas cousas estar mais atrasado, que alguns de seus contemporaneos. O oceano circumdante é da sua theoria. Das ilhas do Atlantico só menciona Inglaterra, Irlanda e Escocia, que considera ilha, supposição que até meiado do seculo 16.^o influiu não só na composição dos mappa-mundi, mas até na dos portolanos, quando os cartographos iam beber áquelle ou semelhantes fontes. Até a phantastica ilha de S. Brandão não esqueceu a Gervasio! Lá tem seu logar de honra no tão calumniado Atlantico! N'isto consistiam todas as noções que o cosmographo tinha d'elle.

Nicephoro de Blemmyde, monge, n'uma de suas obras, *Do céu e da terra, do sol e da lua, dos as-*

tros, do tempo e dos dias, desenvolve todo seu systema cosmographico, comprovando que seus conhecimentos nada adiantavam aos dos antigos, mesmo quando já tão proxima vinha a epocha dos modernos descobrimentos maritimos. Adopta a theoria homérica do oceano circumdante. Que sabia do Atlantico e suas ilhas? Que as Hesperides eram habitadas por ricos iberos, que a *Erythia* era habitada por ethiopes, que vivem longamente, e que havia ilhas Afortunadas. No oceano septentrional menciona Inglaterra e Escocia, e acrescenta, que perto das ilhas *Cassiterides* ha logares onde as mulheres celebram festas em honra de Baccho. A isto se reduz toda a noção de Nicephoro sobre Atlantico e ilhas d'elle.

Pedro d'Abano, escrevendo n'este seculo o seu *Conciliator differentiarum philosophorum*, dá exuberantes provas de seguir em toda a doutrina de sua dissertação cosmica, não relações de viajantes que tivessem atravessado o oceano Atlantico, mas livros antigos de Aristoteles, Ptolomeu, Seneca e arabes, assim como as recentes viagens na Asia feitas depois das cruzadas. Fallando d'uma expedição de genovezes, que diz saíram no anno 1291 pelo estreito de Gibraltar para o oceano, declara expressamente, que nunca mais se soube o que de tal expedição foi feito: « *Quid autem illis contigerit jam spatia ferè trigésimo ignoratur anno.* » Assim o oceano Atlantico, e as regiões intertropicaes, descobertas depois pelos portuguezes, eram completamente desconhecidas a Pedro de Abano.

No Ms. R. 14, C. IX, do museu britanico, ha um mappa-mundi d'este seculo, onde apparece o oceano circumdante. Ao norte das Columnas, em frente da peninsula Iberica, só traz *Ybernia insula*, figurada n'um grande rectangulo.

No mesmo manuscrito, C. XII, outro planispherio, no oceano Atlantico septentrional, em frente do estreito e Iberia, nenhuma ilha traz.

No manuscrito *Flores historiarum* de Matheus Paris, que existe na bibliotheca Cottoniana do mesmo museu, ha um *mappa terræ habitabilis*, obra do 13.º seculo. Como no mappa-mundi antecedente nenhuma ilha traz no oceano occidental, no parallelo das Columnas, e da peninsula.

No seculo 14.º temos a favor da nossa these argumentos tirados das obras de Boccacio, Petrarca, Ibn-Wardy, Ibn-Said, Abulféda, Ibn-Khaldun, e seis mappas.

Boccacio (*De montibus, et diversis nominibus maris, etc.*) não adianta mais do que os cosmographos christãos do seu tempo. Do Atlantico sabia o que aprendêra em obras dos antigos; em livros de poetas, como elle mesmo confessa. Que noções reaes teria sobre a geographia occidental quem tinha pelo mais distante promontorio de Africa o *Hesperion-ceras* (cabo Não) dos antigos, em frente do qual põe as ilhas Orcades? Sobre ilhas do oceano diz: « Além do Atlantico existem certas ilhas (nas quaes se diz que habitam as Gorgones) separadas por canaes, segundo uns pouco distantes da terra; segundo outras situadas a uma grande distancia. » — Acrescenta, que lhe parece provavel, que as ilhas em questão fossem successivamente habitadas por Hesperides e por Gorgones, mas que toda a nomeada é em favor das primeiras. Não resta pois duvida, que Boccaccio tinha completa ignorancia a respeito da realidade das ilhas do Atlantico, quando d'este diz mesmo, « que não é bem conhecido. » Das Afortunadas (*Canarias*) já no seu tempo visitadas pelos portuguezes, não alcança mais do que os antigos, porque d'ellas escreve: « *Dixisse que em frente (da grande montanha Sabbion na terra firme) estão situadas as ilhas Afortunadas!* »

Petrarca, que n'este seculo se occupou muito de geographia, corrobora o que da ignorancia d'aquelles tempos, a respeito do oceano e terras occidentaes, temos apontado. Considerando as ilhas Canarias não bem conhecidas, e ponto mais distante do mundo, a respeito do qual pouca clareza havia, prova-nos que nada sabia do Atlantico, e das grandes regiões além d'elle, descobertas depois.

Ibn-Wardy, geographo arabe, que morreu em 1330, serve a comprovar pelas noções que nos dá, que os seus naturaes inda não navegavam, nem conheciam então o alto Atlantico. A este respeito segue Edrisi, resumindo-o e variando n'algumas circumstancias. Diz, que a parte occidental da terra é banhada por um « mar tenebroso, em que nunca ninguém navega, nem se conhece o que ha além d'elle. » Repete a fabula das estatuas em duas das ilhas *Khaledat*, n'estas palavras: « Em cada uma d'ellas (duas ilhas) ha uma estatua de bronze de cem covados d'altura, e sobre ellas a figura d'um homem, voltando a mão para o que fica por detraz d'elle, para indicar, que para ali não ha nada, nem se acha caminho. » Do oceano Atlantico, ou occidental, dizia tambem, « só se costeam as margens, e ignora-se o que existe além. »

Ibn-Said, cosmographo arabe, no seu Tratado de Geographia, faz, como o antecedente, obra pelos mesmos principios e pela mesma inexperiencia. Segundo elle « o mar occidental ninguém o pôde atravessar. » Falla de estatuas ou columnas levantadas por Alexandre nas ilhas *Khaledat*, com a inscripção — *não se vai mais além*; e com quanto parece ampliar a idéa de ilhas atlanticas, mostra ignorar o seu numero, nomes, e posições, porque d'ellas diz « que ninguém conhece senão Deus. »

Abulféda, arabe, deu a ultima demão á sua Geographia na primeira metade do seculo 14.º Diz, que o mundo habitavel começa do occidente para o oriente nas ilhas Eternas, logar que no seu tempo estava deshabitado. Tratando depois de ilhas oceanicas, escreve: « Dizem que (as ilhas *Khaledat*) se submergiram, e que d'ellas não ha noticias. » A isto se reduz a errada e fabulosa noção que do Atlantico e suas ilhas tinha um dos escriptores orientaes mais famigerados por sua sciencia, em epocha já tão proxima ás grandes emprezas maritimas dos portuguezes.

Ibn-Khaldun, historiador-geographo, arabe, compoz os seus Prologomenos pelos annos 1377. Por si mesmo, ou por explorações dos seus naturaes não conhece as Canarias, inda que pareça fallar d'ellas debaixo do nome de ilhas *Khaledat*, descrevendo-as com muita aproximação da verdade, o que era já possivel consequencia das excursões, que os portuguezes faziam n'aquelles mares, e n'algumas d'aquellas ilhas mesmo antes do anno 1336, d'uma das quaes (a de 1341) reinando em Portugal D. Affonso IV, existe relação, que se espalhou pela Europa. Contudo, mesmo suppondo que das Canarias dá algumas noções reaes, dizendo que povos occidentaes (os portuguezes) já a ellas tinham ido, e dellas trazido indigenas, pôde tanto em Ibn-Khaldun a theoria que entre os seus e até ao seu tempo predominava, da impossibilidade da navegação do alto mar Atlantico, que inda acrescenta que se não aportava a alguma d'aquellas ilhas « senão por acaso, e nunca de proposito! » Do oceano Atlantico dizia, que era « um vasto mar sem limites, em que os navios não se atrevem a arriscar-se fóra da vista das costas, porque se ignora para onde o vento poderia lançal-os, visto que, além d'este mar, não ha terra que seja habitada... E posto que os marçantes conheçam a direcção dos ventos, ignoram até onde elles impelliriam

os navios, que poderiam achar-se cercados de nevoeiros, e naufragar.”

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA
SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA
DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE
PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTISSIMA CASA REI-
NANTE.

PRIMEIRO PONTO.

De quem era filho?

XVI.

Já se ponderou a necessidade, que tiveram os genealogicos francezes, de verificarem, mais a poder de conjecturas, que de argumentos solidos, esse parentesco entre os dous condes; e por isso tambem da nossa parte convinha, que se tivessem feito iguaes diligencias, vista a importancia do caso, de que estava pendente o credito dos nossos antigos historiadores. Assim procedeu Fr. Bernardo de Brito, ainda moço, de 23 annos de idade, e mui longe das suas posteriores communicações litterarias com o portuguez Louzada e com o hespanhol Romano de la Higuera. Escrevendo pois a *Tercera parte da Monarchia Lusitana*, que está inedita pelas razões ponderadas na introdução da quarta parte da mesma obra (em que todavia cumpre notarmos, que o proprio Fr. Antonio Brandão confessa, que as memorias de mão, que elle cita, merecem confiança) propõe a genealogia do conde D. Henrique por este modo: «Da geração e antiga prosapia do qual contendem os auctores com tanta variedade, que não faria pouco quem se livrasse n'este logar da confusão, que sua inconstancia causa no entendimento.» Passa uma revista de diferentes opiniões, e continúa: «Das quaes todas nos salva a memoria de *Alcobaça*, escripta quasi em seu tempo, que brevemente nos desengana da sua nobreza, dizendo ser filho de Pedro, rei de Hungria, successor do santo rei Estevão, que primeiro divulgou e augmentou n'aquelle reino a fé catholica.» Tendo-se espraído na genealogia dos reis de Hungria, para o que revolveu, o ainda hoje dos melhores historiadores das cousas de Hungria, Antonio Bonfinio, prosegue até ao rei Toxo, e diz: «Este Toxo teve um filho chamado Geysa, que foi o primeiro hungaro que acceitou a fé catholica por meio de S. Adalberto. Geysa teve por mulher uma grande senhora chamada Sarolta, filha de um grande capitão chamado Giula, de quem nasceu S. Estevão, rei de Hungria, e uma filha casou com o duque Guilherme, irmão de Segismundo, rei de Borgonha, que foi havido por santo. Este Guilherme foi primeiro casado com Getrude, irmã do imperador Henrique II, e a qual houve uma filha chamada Gisela, que casou, com el-rei Estevão, e morrendo-lhe a primeira mulher se casou, como dissemos, com a irmã de seu genro Estevão, de quem houve um filho chamado Pedro, que succedeu no reino de Hungria por morte de Emerico, seu primo, filho de Estevão, e casando-se com uma irmã de Alberto, duque de Austria, houve d'ella um filho chamado Guilherme, e outro chamado Henrique, que é o de quem procedem os reis da Lusitania cuja ventura acabou com a vida de seu pae, que fenecceu em mãos de el-rei Andrés, que ficou absoluto senhor da terra, salvando-se os meninos com a mãe em casa de seu tio Alberto, duque de Austria, no anno do Re-

demptor Jesus Christo de 1047. Não faltaram pretenções para tornar a enthronisar os orfãos em seu reino, mas tudo foi em vão, porque, como diz Spoleto, auctor hungaro de nação (liv. 4.^o, cap. 19) a má vontade que os hungaros tinham á memoria das cousas que el-rei Pedro fizera os não deixava admittir a reinar gente, que tivessem nome de sua. O menino Henrique foi levado a Borgonha a seu avô Guilherme, onde esteve té a idade perfeita, não sem lastima de ver-se em alheia fortuna da em que nascêra; mas ao fim compunha a grandeza do seu animo com esperanças futuras, que não enganaram seu pensamento. O que fez em este meio tempo não consta de auctor fidedigno, salvo que sendo já homem partiu para a Hespanha etc.»

XVII.

Ao menos Fr. Bernardo de Brito soube forcejar pela conservação do antigo parecer dos nossos historiadores; e a propria, como deserção, que elle fez para se acolher ás bandeiras de outro campeão d'estas genealogias, nos certifica de que elle obrou de muito boa fé; que se os seus trabalhos em defesa do historiador Galvão fossem nascidos de algum principio de tenacidade, ou facção (que tambem a costuma haver n'estas materias) nunca abraçaria os dictames de Duarte Nunes de Leão. Cumprindo-me agora fazer da minha parte o melhor exame, que me fosse possivel, dos historiadores hungaros, confesso que não tive á mão (porque faltam absolutamente em as melhores bibliothecas d'este reino) as obras mais criticas e apuradas, que me seria necessario consultar; e por isso tive de me limitar sómente a dous, isto é, a Bonfinio e a João Pistorio, ambos de credito não vulgar, e tidos geralmente na boa conta de exactos e fidedignos, que a muitos respeitos merecem. Confessa o primeiro, que D. Pedro de Hungria fôra casado com uma irmã de Alberto, duque de Austria, o que desde logo faz cair um dos principaes argumentos do licenciado Nunes de Leão contra a antiga, e pelo menos a mais provavel genealogia do conde D. Henrique, pois vae muito de ser filha a ser irmã de Alberto, duque de Austria; e por outra parte a successão por femeas não era tão segura nos tempos da meia-idade, como se tornou em os seculos posteriores, o que tudo se deve tomar em consideração quando se fazem taes argumentos. João Pistorio Niddano deu á luz em 1600 a obra intitulada — *Rerum ungaricarum scriptores varii. Frankfurt, 1600* — e por fim apresentou a genealogia dos reis de Hungria tirada de optimos escriptores, onde lemos a paginas 551:

- «D. Stephani. . . Uxor altera Gisela filia Guilielmi Burgundi.
- «N. Soror S. Stephani. . . maritus Guilielmus Burgundus. Ungarici Annales fratrem Sigismundi regis fuisse volunt, sed falsissime.
- «Petrus rex secundus Hungaride a Gisela regina factus. . .
- «Uxor Juditha vidua Bresbilai ducis Bohemiae filia Othonis III.
- «Uxor secunda. . . Alberti ducis Austriae soror.»

Aqui vemos a opinião de Fr. Bernardo de Brito, não só corroborada pelas investigações de um historiador, cujos trabalhos mereceram ao douto Struvio uma edição publicada nos principios do seculo 18.^o (1), porém emendada no horrivel anachronismo de nos dar S. Sigismundo por contemporaneo dos principes borgonhezes do seculo 11.^o.

(1) Ratisbonae. 1726.